

REALISMO MARAVILHOSO EM “O SANTO QUE NÃO ACREDITAVA EM DEUS”

Inara de Oliveira Rodrigues¹
Luciana Helena Cajas Mazzutti²

Resumo: No conto “O santo que não acreditava em Deus”, publicado na coletânea *Já podeis da pátria filhos e outras histórias*, de João Ubaldo Ribeiro, em 1991, a pluralidade discursiva abarca não só o questionamento à religião, mas também marca elementos pluriculturais da realidade latino-americana: mitos, futebol, pesca, bebida e música. Primeiramente, conceituamos o Realismo Maravilhoso e, a posteriori, identificamos as marcas dessa modalidade narrativa na escrita ubaldiana. Para tanto, utilizamos como embasamento teórico os estudos de: Emir Rodríguez Monegal (1971), Irlemar Chiampi (1980), Louis-Philippe Dalembert (2013), dentre outros.

Palavras-chave: insólito; João Ubaldo Ribeiro; pluriculturalidade.

WONDERFUL REALISM IN “THE SAINT WHO DIDN'T BELIEVE IN GOD”

Abstract: in the short story “The saint who didn’t believe in God” published in the collection *Já podeis da Pátria Filhos and other stories* by João Ubaldo Ribeiro, in 1991, the discursive plurality approaches not only to the issues of religion, but also characterizes multicultural elements of Latin American reality: myths, soccer player, fishing, drink and music. We seek, first, conceptualizing Wonderful Realism and, *a posteriori*, to identify the hallmarks of this narrative mode in Ribeiro’s writing. Therefore, we used as theoretical basis the study by Emir Rodríguez Monegal (1971), Irlemar Chiampi (1980), Louis-Philippe Dalembert (2013), among others.

Keywords: unusual; João Ubaldo Ribeiro; multiculturalism.

Esse pessoal não entende que, toda vez que eu faço um milagre, tem de reajustar tudo, é uma trabalhadeira que não acaba, a pessoa se afadiga. Buliu aqui, tem de bulir ali, é um inferno, com perdão da má palavra (Deus, por João Ubaldo Ribeiro).

¹ Professora Doutora do Curso de Letras, do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA).

² Mestre em Letras: Linguagens e Representações pela UESC. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia da Bahia, Campus Salvador (IFBA).

“O santo que não acreditava em Deus” faz parte da coletânea *Já podeis da pátria filhos e outras histórias* (1991), de João Ubaldo Ribeiro (Itaparica, 1941 – Rio de Janeiro, 2014), jornalista, professor, roteirista e escritor com diversas obras literárias que enfatizam o Nordeste do Brasil no que diz respeito à pluralidade cultural. No final da década de 1990, Carlos Diegues, cineasta brasileiro, e João Ubaldo trabalharam na adaptação fílmica da narrativa analisada neste estudo. No entanto, o escritor baiano precisou afastar-se da produção para terminar de escrever o romance *Diário do farol* (2002). Diegues seguiu adiante com o projeto e, em 2002, lançou o filme *Deus é brasileiro*, protagonizado por Antonio Fagundes, na figuração de Deus. O filme integra os elementos básicos do conto adaptado, contudo, a rica linguagem ubaldiana é suprimida para atender à dinamicidade do discurso cinematográfico.

A narrativa acontece na Bahia e descreve a “descida” de Deus à Terra em busca de um possível candidato a santo. O conto tem início com a descrição da diversidade de peixes típicos da região por um narrador que não é apresentado; mesmo assim, não perde importância no decorrer da história, que possui dois protagonistas: Deus e Quinca das Mulas.

Durante esse dia – supostamente, tranquilo – de pesca, aparece “alguém” sobre a água, próximo ao barco do narrador, curiosamente seco e se autodenomina Deus. A dúvida acomete o pescador, o que faz com que questione a identidade do tal ser flutuante, pois qualquer um pode dizer-se “Deus”. Nesse momento, o “suposto ser divino” adverte e castiga o incrédulo relator:

– Não se abra, não – disse ele [Deus] – que eu mando o peixe lhe dar porrada.

– Porrada dada, porrada respostada – disse eu [narrador/pescador].

Para que eu disse isto, amigo, porque me saiu um mero que não tinha mais medida, saiu esse mero de junto assim da biriba, dando um pulo como somente cavacos dão e me passou uma rabanada na cara que minha cara ficou vermelha dois dias depois disto.

– Onde saiu essa, sai mais uma grossa! – disse ele [Deus] dando risada, e o mero ficou a umas três braças da canoa, mostrando as gengivas com uma cara de puxa-saco.

– Não procure presepada, não – disse ele [Deus]. – Senão eu mando dar um banho na sua cara.

– Mandei seu banho – disse eu, que às vezes penso que não tenho inteligência.

Pois não é que ele mandou esse banho, tendo saído uma onda da parte da Ponta de Nossa Senhora, curvando como uma alface aborrecida a ponta da coroa, a qual onda deu tamanha porrada na canoa que fiquemos flutuando no ar vários momentos. (RIBEIRO, 1991, p. 126)

O narrador, diante dos acontecimentos – a rabanada na cara e o banho – obriga-se a acreditar na identidade do sujeito:

Então? – disse ele. – Eu sou Deus e estou aqui para tomar um par de providências, sabe vosmecê onde fica a feira de Maragogipe?

– Qual é feira de Maragogipe nem feira de Gogiperama – disse eu, muito mais do que emputecido, e fui caindo de pau no elemento, nisso que ele se vira num verdadeiro azougue e me desce mais que quatrocentos sopapos bem medidos, equivalentemente a um catavento endoidado e, cada vez que eu levantava, nessa cada vez eu tomava uma porrada encaixada. Terminou nós caindo das nuvens, não sei qual com mais poeira em torno da garupa. Ele, no meio da queda, me deu uns dois tabefes e me disse: está convertido, convencido, inteirado, percebido, assimilado, esclarecido, explicado, destrinchado, compreendido, **filho de uma puta**? E eu disse sim senhor, Deus é mais. Pare de falar em mim, sacaneta, disse ele, senão lhe quebro todo de porrada. Reze aí um padre-nosso antes que eu me aborreça, disse ele. Cale essa matraca, disse ele.

Então eu fui me convencendo. (RIBEIRO, 1991, p. 126, grifo nosso)

O fato de comunicar-se com uma linguagem “não apropriada” aos padrões faz com que o “suposto” Deus perca a credibilidade, mas diante das “provas” (ou milagres), recupera-a e convence o pescador. Em seguida, o narrador expõe três razões para acreditar naquele que se denomina Deus:

Nessa hora eu quase ia me aborrecendo, mas uma coisa fez que eu não mandasse ele para algum lugar, por falar dessa maneira sem educação. É que, sendo ele Deus, a pessoa tem de respeitar. Minto: três coisas, duas além dessa. A segunda é que pensei que ele, sendo carpina por profissão, não estava acostumado a finuras, o carpina no geral não alimenta muita conversa nem gosta de relambórios. A terceira coisa é que, justamente por essa profissão e acho que pela extração dele mesmo, ele era bastante desenvolvidozinho, aliás, bem dizendo, um pau de homem enormíssimo, e quem era que estava esquecendo aquela chuva de sopapos e de repente ele me amaldiçoa feito a figueira e eu saio por aí de perna peca no mínimo, então vamos tratar ele bem, quem se incomoda com essas bobagens? (RIBEIRO, 1991, p. 128)

“Convencido”, o narrador atenta para o “pedido” de Deus, pois precisa encontrar alguém na feira de Maragogipe e chegar andando sobre as águas chamaria a atenção de todos, o que faria com que seu plano falhasse. O Todo-poderoso procura um determinado homem: Quinca das Mulas, sujeito que vive em festas com bebidas e companhias nada recomendadas. É incrédulo, mas deve ser convencido a aceitar a

proposta do ser divino e se tornar santo. Nesse momento, instaura-se um paradoxo: como alguém que não acredita em Deus pode ser santo? Segundo o narrador,

esse Quinca era chamado das mulas justamente por viver entre burros e mulas e antigamente podendo ter sido um rapaz rico, mas havendo dado tudo aos outros e passando o tempo causando perturbação, ensinando besteiras e fazendo questão de dar uma mão a todos que ele dizia que eram boas pessoas, sendo estas boas pessoas dele todas desqualificadas. Porém ninguém fazia nada com ele porque o povo gostava muito dele e, quando ele falava, todo mundo escutava. Além de tudo, gastava tudo com os outros e vivia dando risadas e tomava poucos banhos e era um homem desaforado e bebia bastante cana, se bem que só nas horas que escolhia, nunca em outras. E, para terminar, todo mundo sabia que ele não acreditava em Deus, inclusive brigava bastante com o padre Manuel, que é uma pessoa distintíssima e sempre releva (RIBEIRO, 1991, p. 130).

O pescador apresenta Quinca das Mulas ao “Criador”, ressalta suas virtudes, mas também enfatiza suas fraquezas. Deus, por sua vez, já havia justificado a sua escolha e assinala as principais características para que alguém seja candidato a santo:

é o que faz alguma coisa pelos outros, porque somente fazendo pelos outros é que se faz por si, ao contrário do que se pensa muito por aí. Graças a mim que de vez em quando aparece um santo, porque senão eu ia pensar que tinha errado nos cálculos todos. Fazer por si é o seguinte: é não me envergonhar de ter feito vocês igual a mim, é só o que eu peço, é pouco, é ou não é? Então quem colabora para arrumar essa situação eu tenho em grande apreço. (RIBEIRO, 1991, p. 130)

Decidido a ajudar o “Ser supremo” a encontrar o candidato a santo, o pescador expõe a impossibilidade de chegar à feira de Maragogipe, visto que a distância num barco como o dele levaria muito tempo. Nesse momento, um evento insólito, propiciado pelo homem que flutuava nas águas do Recôncavo baiano, diminui a distância:

no que eu [o pescador/narrador] me queixei que dali para Maragogipe era um bom pedaço e que era mais fácil um boto aparecer para puxar a gente do que a gente conseguir chegar lá antes que a feira acabasse e aí ele [Deus] mete dois dedos dentro da água e a canoa sai parecendo uma lancha da Marinha, ciscando por cima dos rasos e empinando a proa como se fosse coisa, homem ora. (RIBEIRO, 1991, p. 127)

Em “O santo que não acreditava em Deus” (1991), os eventos insólitos – andar sobre as águas, fazer com que o peixe bata no pescador ou uma onda banhe o pescador, colocar os dedos na água e fazer com que o simples barco se torne uma lancha da Marinha, etc. – permeiam o texto ubaldiano e nos permitem identificar marcas de uma

modalidade do Insólito, denominada realista maravilhosa. Conviver com os elementos e os eventos insólitos é fator essencial para a interpretação e assimilação da narrativa produzida, visto que todos (escritor, narrador e leitor) pertencem ao mesmo universo e reconhecem traços irrealis que, neutralizados e naturalizados, não causam mal-estar ou medo, muito menos estranhamento.

A cultura maravilhosa, *per se*, rica em crenças, mitos, ritos, caracteriza a modalidade narrativa da qual tratamos, em um primeiro momento, própria da América Latina, conforme estudo da professora Irlemar Chiampi (1980). A estudiosa destaca a importância do Real Maravilhoso na elaboração do Realismo Maravilhoso, permitindo entender esses dois conceitos a partir de um percurso teórico que começa no prólogo de Alejo Carpentier ao seu romance *El reino de este mundo* (1968).

Chiampi (1980), assim como Louis-Philippe Dalembert (2013), recorrem ao Real Maravilhoso de Carpentier (1968) e sublinham a importância do contexto social, religioso e cultural da América Latina, bem como as vivências do escritor que podem/devem corroborar com sua produção literária, o que, por conseguinte, configura o Realismo Maravilhoso. Emir Rodríguez Monegal (1971), por sua vez, enfatiza como o referencial cultural torna-se importante para a refiguração das obras literárias latino-americanas. Assim, a notável contribuição de Carpentier (1968) consiste nesse diálogo cultural e nessa identificação da literatura com traços pluriculturais (étnicos e históricos).

A realidade representada em textos pertencentes ao Realismo Maravilhoso é encarada pelo leitor como algo familiar, sem necessidade de se buscar fundamentos teóricos ou explicações científicas para os eventos narrados, já que são pertinentes ao sujeito composto por uma diversidade sociocultural. Desse modo, afirma-se a “credibilidade” do discurso narrativo, de modo que, a partir do Real Maravilhoso existente na cultura latino-americana, configura-se o Realismo Maravilhoso de sua literatura. Em “O santo que não acreditava em Deus” (1991), por exemplo, a relação entre Deus e Quinca se demarca de forma realista e ao mesmo tempo maravilhosa, ao tempo em que a narrativa revela a intimidade cultural e religiosa de João Ubaldo com o local representado por sua escrita:

Pois tomaram mais e fizeram muito grande sucesso com as mulheres e era uma risadaria, uma coisa mesmo desproporcionada, havendo

mesmo um serviço de molho pardo depois das seis, que a fome apertou de novo, e bastantes músicas. Cada refrão que Quinca mandava, cada refrão Deus repicava, estava uma farra lindíssima, porém sem maldade, e Deus sabia mais sambas de roda que qualquer pessoa, leu mãos, recitou, contou passagens, imitou passarinho com perfeição, tirou versos, ficou logo estimadíssimo. (RIBEIRO, 1991, p. 132)

O conto em estudo vem imbuído de costumes pertencentes às feiras, às festas, às músicas reconhecidas em seu contexto rico em crenças, mitos e ritos. Nele, o pescador mostra-se convencido de que o sujeito que aparece a ele é Deus, mas a dúvida permanece velada, já que fica à espera de algum evento capaz de provar, realmente, a identidade do sujeito, pois fracassa o objetivo de fazer de Quinca das Mulas um santo. No encerramento da narrativa, o insólito determina a credibilidade do narrador, quando o Ser celestial “ficou azul, esvoaçou, subiu nos ares e desapareceu no céu” (RIBEIRO, 1991, p. 135).

A escrita ubaldiana aqui destacada assinala as marcas não só do Nordeste brasileiro – o Recôncavo baiano – mas da realidade latino-americana, repleta de especificidades religiosas e culturais, com um discurso não metaforizado, mas próprio deste espaço pluricultural e plurissignificativo. A relação entre Deus, o pescador e Quinca assinala-se pela informalidade: comem, bebem, cantam e dançam. “Deus” faz parte desse âmbito, a proximidade estabelece-se com esse comportamento, reconhecido como próprio ao jeito de ser do brasileiro.

Com um pé na cultura popular e outro na literatura de dois escritores também baianos – respectivamente, *Quincas Berro D'Água*, de Jorge Amado, e *Zé do Burro*, de Dias Gomes – o conto se encerra com Quinca das Mulas não aceitando ocupar o posto de santo, enquanto Deus retorna ao seu lugar de origem, utilizando um ditado popular: “nem toda pesca rende peixes” (RIBEIRO, 1991). Nesse momento, bem como no restante da narrativa, João Ubaldo Ribeiro reelabora suas experiências culturais com a realidade maravilhosa da Bahia, apontando a esse universo (re)construído de forma insólita por sua malha discursiva.

Referências

CHIAMPI, Irlomar. **O realismo maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DALEMBERT, Louis-Philippe. Espaços do imaginário latino-americano: o real maravilhoso de Alejo Carpentier. Tradução André Mitidieri e Rodrigo dos Santos Mota. In: SILVA, Denise Almeida (Org). **Poéticas do espaço, geografias simbólicas**. Frederico Westphalen: Editora da URI, 2013, p. 61-76.

MONEGAL, Emir Rodríguez. Lo Real y lo Maravilloso en *El reino de este mundo*. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v. XXXVII, n. 76-77, p. 619-649, 1971.

RIBEIRO, João Ubaldo. O santo que não acreditava em Deus. In: RIBEIRO, João Ubaldo. **Já podeis da pátria filhos e outras histórias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1991, p. 121-135.